

Instituto
Ayrton
Senna



LINGUAGEM ORAL E COMPREENSÃO LEITORA

LINGUAGEM ORAL E COMPREENSÃO LEITORA

Suely Amaral¹

Por sua dimensão simbólica, a linguagem permite às pessoas representarem tudo o que veem, pensam e sentem, ou seja, recriarem mentalmente o mundo, a partir de sua experiência singular. Além da linguagem verbal, que é a forma mais abrangente da comunicação, o ser humano utiliza de outros meios simbólicos disponíveis em sua cultura para interagir, como expressões faciais, gestos corporais, gritos, ruídos, sons musicais, dança, desenhos, pintura, cores e onomatopéias.

É a partir dessa interação com seu grupo social que a criança, durante a primeira infância, constrói sentidos ao aprender a comunicar sua experiência e interpretar o mundo. Os diálogos, que ocorrem em diversos espaços sociais com a participação de diferentes interlocutores, vão estruturando o modo como a criança reconhece o mundo físico e social, moldam percepções e valores, e definem seu pertencimento a um grupo social.

A linguagem é importante para o desenvolvimento da cognição, da afetividade, da capacidade de participação social, enfim, é precursora e constituinte da dimensão socioemocional da criança. Em outra perspectiva, as habilidades linguísticas são estruturantes da aprendizagem da leitura e escrita. A competência para uso do signo linguístico decorre da experiência direta na cultura e por isso não se fala em aprendizagem, mas em aquisição ou desenvolvimento linguístico, como resultado de intervenção escolar.

Desenvolver a linguagem em todas as modalidades e garantir a aprendizagem da língua escrita são os principais domínios do início da escolarização. Linguagem oral e alfabetização são áreas distintas, mas interligadas. No início da Educação Fundamental, a criança conhece razoavelmente a sua língua materna, controla a grande maioria dos fonemas, produz frases completas, tem um vocabulário extenso e usa com proficiência a língua falada nas interações sociais. A alfabetização pressupõe um conhecimento explícito dos aspectos formais da língua, isto é, pressupõe a capacidade de tomar aspectos do fenômeno “língua materna” como objeto de estudo explícito. Esse conhecimento implica colocar o foco nas unidades sonoras da língua, que é a consciência fonológica, ou nos critérios de organização de frases, ou a consciência sintática, na estruturação dos textos e na compreensão dos significados.

Na fase inicial do ciclo de alfabetização, as crianças dependem do conhecimento da língua oral como pista para entender o que leem e apoio para sustentar inferências e descobrir palavras novas nos textos lidos. A partir da decodificação como processo de leitura, a criança começa a identificar palavras com maior velocidade e a ganhar fluência na leitura oral. O foco se desloca da palavra para o texto e a capacidade de compreensão torna-se a base para a proficiência leitora. A linguagem oral, nesse processo, tem importância fundamental como condição para captação das informações textuais, pois o aprendiz precisa alcançar conhecimentos cada vez mais complexos, que decorrem da habilidade de integração das informações ao longo do texto.

Para compreender um texto é preciso colocar em ação estratégias cognitivas que articulam o conhecimento sobre o assunto, o conhecimento linguístico e o conhecimento relacionado à função social dos textos. Quer dizer, o perfil social de quem está falando, o papel social de quem recebe a informação, o

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC/SP).

que se fala e qual a intencionalidade da mensagem. Na leitura proficiente todos esses aspectos são integrados, tendo o vocabulário como o eixo central, que articula diferentes níveis de informações textuais.

Crianças com grande vocabulário tem representações ortográficas e semânticas mais precisas, e isso lhes permite recuperar palavras durante a leitura, fazer inferências sobre significados de palavras desconhecidas, antecipar informações, o que torna a leitura menos cansativa, mesmo sobre assuntos que não dominam. Por outro lado, as crianças com vocabulário mais pobre tendem a ter maior dificuldade com conceitos que não dominam, enfrentam uma leitura mais cansativa, tendem a ler menos e têm reduzidas suas oportunidades de ampliar conhecimentos decorrentes da própria leitura. Não saber o significado de muitas palavras de um texto que está sendo lido pode ser um gargalo que impede o acesso a novas ideias e conceitos.

O domínio da linguagem funciona como sustentação da capacidade de leitura e, ao mesmo tempo, a leitura ajuda a desenvolver e melhorar a linguagem, tornando mais complexo o vocabulário com a quantidade de informações relacionadas a cada palavra. Nesse sentido, o peso da linguagem na compreensão tende a aumentar com a idade e nível de escolarização, dada o tipo de experiência de leitura que vai sendo exigido.

Em sala de aula, o eixo linguagem oral deve perpassar todas as áreas, priorizando-se atividades didáticas interdisciplinares que oportunizem aos alunos a reflexão sobre assuntos da vida cotidiana, a fim de constituir um suporte teórico para escritos escolares. É importante criar situações que contribuam para maior consciência dos usos da língua. Por exemplo: combinar oportunidades de expressões formal e espontânea, que implicam pesquisa e planejamento pelos alunos, tais como seminários, apresentações de trabalhos, participação em debates, como debatedor ou como mediador.

Além disso, os professores devem oportunizar situações para que os alunos leiam mais, leiam muito. Uma das práticas que têm maior impacto é a leitura partilhada de histórias, ou leitura em voz alta feita pelo adulto para a criança, pois além de ampliar o vocabulário, introduz padrões morfossintáticos para além da organização da frase em ordem direta, em um contexto que exige menos esforço para compreensão, pois o direcionamento da informação está sob o controle do professor.

Outro fator que aumenta o conhecimento de palavras novas são as múltiplas exposições, em contextos escritos variados. Para a criança incorporar uma palavra ao seu vocabulário, ela deve lidar muitas vezes com essa palavra e, por isso, a exposição a diferentes tipos de materiais escritos deve ser consistente e frequente, para que o leitor tenha domínio da palavra em circunstâncias distintas. Além disso, no trabalho cotidiano da aula, a instrução direta, explícita e sistemática ajuda o aluno a compreender conceitos complexos e ideias menos comuns.

O foco na compreensão implica ações que devem ser realizadas antes, durante e após a leitura de um texto.

Antes da leitura, é importante levar a criança a se familiarizar com o assunto e utilizar conhecimentos prévios como base para a compreensão. Atividades como a identificação do gênero a que o texto pertence, identificação da ideia principal e das ideias secundárias, levantamento de palavras desconhecidas pelos alunos, análise das imagens, da tipografia, da distribuição da informação. Tais práticas favorecem a motivação, melhoram a capacidade de fazer previsões sobre o tema, melhoram a capacidade de levantar hipóteses sobre o desenrolar do assunto e de verificá-las ao longo da leitura.

Durante a leitura, acompanhar o entendimento com perguntas sobre o que está sendo lido e discutir possíveis interpretações e hipóteses. Após a leitura, propiciar situações em que os alunos possam fazer

resumos orais e escritos. Propiciar situações de análise do assunto, tendo em vista situações da realidade concreta, levando os alunos a confrontar, ampliar e discutir a coerência do texto lido.

Nessa perspectiva, as interações da linguagem oral sustentam a compreensão global dos textos lidos, objetivo maior da aprendizagem da leitura e da escrita, e base para o desenvolvimento de competências socioemocionais como confiança e assertividade frente a situações de leitura. A articulação entre um trabalho com linguagem oral e a leitura com foco na compreensão global do texto aumenta a bagagem cultural com conhecimento de diferentes aspectos da cultura humana, condição para o sucesso no percurso de escolarização das crianças.

institutoayrtonsenna.org.br